

APOSTILA DE ATUALIDADES

Professor Diogenes Antônio Moreira Júnior

UNIDADE III: CULTURA BRASILEIRA- PLURALIDADE, IDENTIDADE E MANIFESTAÇÕES

1- Introdução

“cinco grupos etnográficos, ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões dispersas, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular – eis em suma ao que se reduziu a obra de três séculos.”

(ABREU, Capistrano de. Capítulos de história colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 – original de 1907.)

“É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos, lingüística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. Não abrigam nenhum contingente reivindicativo de autonomia, nem se apegam a nenhum passado. Estamos abertos é para o futuro.”

(RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.)

Na formação do **“povo brasileiro”** a miscigenação racial e as intercessões culturais entre os portugueses, as “nações” indígenas e as várias etnias africanas geraram uma das culturas mais sincréticas já existentes na história das nações modernas.

Começando no período colonial (do século XVI ao século XIX) e passando pelo Brasil Império (século XIX), o vasto território brasileiro foi ganhando características regionais e ao mesmo tempo tendo sua identidade nacional formatada. Os costumes, as danças, as comidas típicas, os ritmos musicais, as expressões lingüísticas, em suma, nas mais diversas manifestações, a cultura nacional formatou uma identidade marcada exatamente pela pluralidade, pelo hibridismo, apesar de notadamente essas manifestações que se agregam subjetivamente, em um movimento espontâneo, a partir das interações políticas, sociais, econômicas e religiosas entre as multidões, nos remeterem a protagonistas com papéis sociais ou hierarquias sociais bem distintas, afinal estamos analisando a formação cultural de uma nação onde os europeus eram livres e portadores do maior status social, os africanos eram sobreviventes da condição de desumanização gerada pela escravidão, principalmente quando impunham sua humanização através de sua ampla cultura, e a cultura indígena sobrevivia por um misto entre a grandiosidade dessas manifestações ao longo do território e pela própria flexibilidade do discurso colonizador, principalmente das ações católicas, haja visto as barreiras que existiam para que alcançassem seus objetivos de imposição sobre esses grupos nativos.

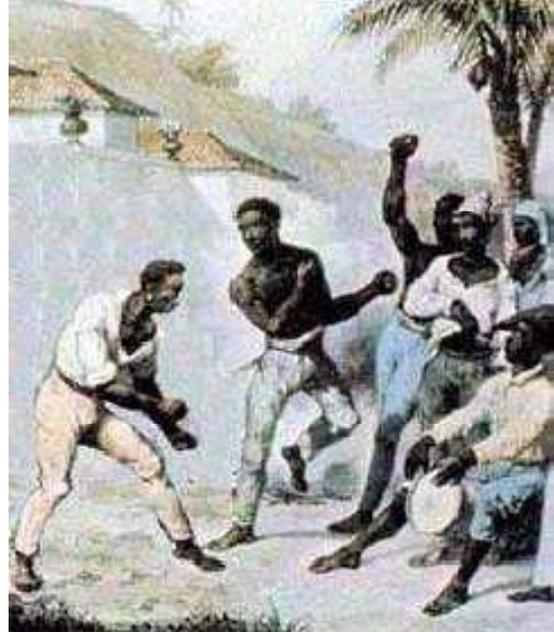
A Normatização cultural europeia

Catequese indígena

resistência afro-brasileira



("Vieira Protetor dos Índios" - 1746)



Olhar ao nosso redor e perceber as variações regionais, a relação entre as grandes festas e as raízes coloniais, as manifestações diversas (ainda julgadas de acordo com suas origens sociais e raciais) é um movimento de fácil observação. Vai desde o idioma oficial que herdamos dos portugueses, passando pelas tradições católicas e chegando ao gueto religioso africano que ainda ecoa nos terreiros de Candomblé, religião que ainda sofre extrema discriminação da sociedade. Mas antes de analisar o papel das nossas principais manifestações culturais dentro das relações sociais no Brasil, é preciso tratar de uma questão maior: o conceito de identidade nacional.

Através desse ponto perceberemos algumas de nossas raízes culturais, nossas principais características, os mitos implícitos nesse discurso nacional e nossa realidade. **A cultura é o maior espelho de nossa história: plural, híbrida e com muitas ambigüidades.**

2- IDENTIDADE CULTURAL, CONCEITOS

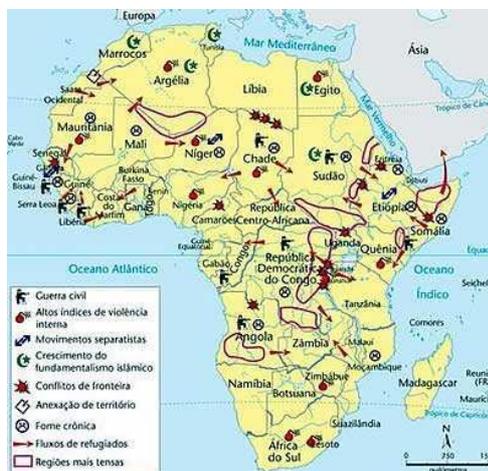
Como já dissemos **a cultura brasileira é formada a partir da mistura racial e cultural entre os povos que produziram dentro desse território a nossa história.** Mas em qualquer nação esse processo resulta dessa combinação. A partir da formação geofísica do território, em função de uma dada conjuntura política (guerras, revoluções, crises, golpes, etc), as multidões passam a criar padrões nacionais de cultura e com o tempo formata-se uma identidade nacional. A questão então é, **porque que em alguns países o "espírito" nacional é evidente, como é o caso do Brasil ou dos Estados Unidos, e em muitos outros ele é inviável, como é o caso da antiga Iugoslávia ou mesmo de muitos países do continente africano?** Porque que em algumas nações o sentimento nacional se manifesta e cria vínculos entre a população, o território e o país e em tantos outros, constantemente,

grupos sociais se enfrentam por questões culturais? E mais porque muitas vezes um mesmo território não abriga identidade, sendo alvo de tantas disputas? Essas respostas são básicas para compreender a questão da cultura e por conseqüência, da cultura brasileira.

O futebol no Brasil, uma paixão nacional.



Guerras na África, muitas etnias em cada nação



Problemas na identidade nacional, o caso belga.

Os belgas não se entendem entre si e já se teriam separado em países diferentes não fossem o seu rei e, mais recentemente, a adoção de uma forma de governo federativa, em que a Valônia, Flandres e Bruxelas têm grande autonomia política e administrativa em relação ao governo nacional, além do surgimento e fortalecimento da União Européia, que faz com que os belgas se sintam cada vez mais membros de uma comunidade europeia multicultural e multilíngüe, e menos belgas, o que ajuda a diluir seus antagonismos internos.



RICARDO C. COELHO
Adaptado de *Os franceses*. São Paulo: Contexto, 2007.

<http://lvb.net>

A princípio é preciso entender que a identidade nacional é uma construção teórica. A cultura, **base da formação dos grupos sociais e meio pelo qual a humanidade manifesta sua relação com o mundo**, varia de acordo com a história dos povos. Muitas vezes povos com culturas diferentes são levados a uma convivência e a partir daí a questão da identidade se torna um processo complexo. Nem sempre um território abriga pacificamente grupos étnicos diferentes e permanece uma única nação. No continente africano esse traço é uma das principais características até hoje, gerando inclusive intermináveis guerras civis.

Muitas vezes a unidade territorial é mantida porque as diferenças culturais são desprezadas em detrimento do discurso de identidade. Tanto em um quanto no outro processo o tempo é fundamental. Não será de uma ora para outra que as diversidades ou as marcas étnicas de certos grupos serão desprezadas em nome do projeto de uma nação forte. Essa transformação envolve um forte apelo ideológico que precisa ultrapassar gerações para se enraizar. Observe o caso de Ruanda:

Quinze anos depois do genocídio que vitimou mais de 800 mil pessoas, visitar Ruanda ainda é uma espécie de jogo de adivinhação – a cada rosto que passa tenta-se descobrir quem foi vítima e quem foi algoz na tragédia de 1994. O governo do país recorre à união do povo. O censo e as carteiras de identidade étnicas não existem mais, todos agora são apenas considerados ruandeses. O esforço do presidente Paul Kagame em evitar um novo conflito é tão grande que chamar alguém de “tutsi” ou “hutu” de maneira ofensiva é crime, com pena que pode chegar a 14 anos.

MARTA RFIS

A presença do trauma do genocídio é o principal problema social de Ruanda, maior inclusive que a pobreza. Tratar esse trauma coletivo devia ser prioridade número um, e não transformá-lo num tabu. A política do governo é a do esquecimento por lei, por obrigação. Errada é a vitimização do genocídio, pois existe uma história de conflitos anterior e posterior ao massacre.

MARCIO GAGLIATO

Adaptado de *O Globo*, 12/04/2005

A **NAÇÃO** é uma “entidade” geopolítica, isto é, um espaço geográfico aonde os homens criam um sentido de identidade. A existência da nação moderna pressupõe três conceitos básicos: **FRONTEIRAS NACIONAIS, POVO E ESTADO NACIONAL**. No caso de Ruanda, o Estado busca legitimar o sentimento de identidade nacional através da memória coletiva do esquecimento, uma escolha extremamente arriscada, afinal independente do bombardeio ideológico e jurídico do Estado, os padrões culturais se preservam a partir de outros componentes da sociedade, como a família e a transmissão oral. Basta estudar a história dos judeus e notar que mesmo perseguidos em várias conjunturas, mantiveram seus traços religiosos. Cultura não se dizima apenas através de novas leis.

Vamos analisar cada aspecto que possibilita a formação de uma realidade nacional:

- AS FRONTEIRAS NACIONAIS

A criação dos territórios nacionais reflete sempre conjunturas políticas. Dentro de certo quadro histórico, grupos dominam certas regiões e definem uma fronteira. A manutenção dessa fronteira enquanto país depende de inúmeros fatores e pode ser vital para a estabilidade ou não de uma nação. A Palestina é um exemplo perfeito. Um território com fronteiras reconhecidas mundialmente, mas que não abriga uma única nação. Ali dentro, Israel se impõe, mas é contestado pelo povo palestino, de formação étnica árabe. Nesse caso o território não se transforma em fronteira nacional porque as diferenças entre israelenses e palestinos transbordam as possibilidades de convivência pacífica.

CRIAÇÃO DE IDENTIDADE



SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Quando o Estado e as demais instituições de poder e difusão de ideologias dominantes dentro de um país conseguem direcionar a formação das mentalidades e do comportamento nacional para essa direção de pertencimento a pátria, está construído o mito da identidade nacional.

- Estado nacional

Esse é o elemento decisivo na fundação da identidade nacional. Só com um governo que tenha legitimidade nacional, independente se essa legitimidade é conquistada através da construção democrática ou da imposição ditatorial, a nação se transforma em uma realidade possível. Primeiro porque quando não há essa legitimidade, outros grupos buscam o poder e por vezes essa busca representa separatismos. Segundo, porque cabe a essa instituição a formatação da identidade nacional. Através de todos os recursos possíveis, de acordo com o período histórico, a elite política precisa forjar o sentimento de pátria para ganhar o apoio nacional. **O povo só existe quando o Estado constrói e impõe a cultura nacional.** Muitas vezes esse processo é fantástico e chega a eliminar as diversidades ou a possibilitar que elas convivam sem agredir o patriotismo. Outras vezes essa construção não possui êxito e a existência dessa identidade fica comprometida. Dessas possibilidades que podemos ter multidões mais críticas ou alienadas.

Resumidamente, ***a nação nada mais é do que um conceito forjado por grupos dominantes, que buscam conquistar padrões de comportamentos passivos nas multidões, dentro de uma relação de fidelidade e interação com essa representação cartográfica nacional e que depende de uma completa interação entre a identidade territorial (FRONTEIRA NACIONAL), política (ESTADO NACIONAL) e cultural (O CONCEITO DE POVO).***

3- IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA: UM MITO CHAMADO BRASIL

A bandeira brasileira não exprime a política nem a história. É um símbolo da natureza: floresta, ouro, céu, estrela e ordem. É o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso terrestre. O mesmo fenômeno pode ser observado no Hino Nacional, que canta mares mais verdes, céus mais azuis, bosques como as flores e nossa vida de 'mais amores'. (...) O mito do país-paraíso nos persuade de que nossa identidade e grandeza se acham predeterminadas no plano natural: somos sensuais, alegres e não-violentos.
(CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, 26/03/2000.)

A formação da identidade nacional no Brasil foi um processo longo e com ritmos bem distintos. Hoje, é indiscutível o sucesso dessa formatação cultural. Em um país que abrigou tantas matrizes étnicas desde a colonização portuguesa, onde essas etnias estiveram por diversas vezes em condição de conflito social, onde as dimensões territoriais continentais fomentam a diversidade e as heranças históricas continuam promovendo distinções raciais, religiosas e culturais, essa tarefa tornava-se inviável. Entretanto, poucos países abrigam um povo tão identificado com seu país e conectado por laços de identidade como o Brasil. Ao longo da história forjou-se um país, um povo, uma cultura: a cultura brasileira.

Etapas da formação da identidade nacional brasileira

- Período colonial: Raízes e inserção na atual sociedade brasileira

Nesse momento da história do Brasil não havia ainda uma nação. O Estado brasileiro só surge com a independência, portanto não havia autonomia política. Também não havia o sentimento de pertencimento ao território. O Brasil era extensão do Império português e nas relações sócio-econômicas criadas aqui, a identificação dos grupos era com sua condição social, isto é, um grande proprietário de terras, um funcionário português ou um escravo, cada qual buscando impor sua condição social ou romper com ela. Uma das poucas relações que foi se desconfigurando foi a do indígena com a terra. Com o passar dos séculos, a Igreja foi se apropriando cada vez mais do comportamento dos índios e desconfigurando os padrões de cultura desse segmento social. Uma vez catequizados, a fronteira entre os indígenas e a cultura indígena ficava cada vez maior.

E não estamos afirmando que a inexistência de identidade seja um fenômeno dos primeiros momentos de colonização. Em pleno século XVIII, revoltas separatistas no Brasil lutavam por causas extremamente regionais. A Inconfidência Mineira é o maior paradigma dessa ausência de patriotismo. Os inconfidentes não lutavam por uma causa nacional, mas sim por seus interesses. A própria Independência do Brasil. Serve como exemplo. Sem participação popular e com poucas batalhas, nada foi além do que uma soma de interesses entre algumas elites. Não havia um movimento nacional organizado. Em um território com tantos escravos e onde a terra era tão concentrada, a conquista política não podia envolver as multidões. Os conceitos de liberdade e igualdade poderiam levar a uma percepção de exclusão e ausência de democracia racial, perigosa demais para as elites brasileiras.

Na construção da história oficial do Brasil isso sempre foi um entrave. Sem heróis e símbolos nacionais, as versões oficiais criaram falsos mitos, como Tiradentes, ou falsas versões dos fatos, como a idealizada imagem de independência da tela de Pedro Américo, pintado entre 1886 e 1888, período de decadência da monarquia.

Independência ou morte!



Mas antes de analisar os primeiros passos da formação da identidade cultural brasileira através de ações oficiais do Estado, é fundamental identificar todos os elementos fundadores da cultura brasileira, presentes nos processos de conflitos sociais inerentes a colonização. Na formação cultural brasileira destacamos os seguintes elementos:

- **Catolicismo.**

Através da atuação direta dos jesuítas e secundária da Inquisição, a religião tornou-se o maior veículo de dominação cultural portuguesa no Brasil. Contudo, não impediram o enraizamento das manifestações religiosas africanas na produção cultural dos escravos, principalmente os lorubás. A flexibilidade jesuítica para alcançar a confiança indígena e a permissividade da Igreja com os ritos africanos para não atrapalhar a escravidão e também com os padrões sexuais e culturais da elite para não criar atritos políticos, criou uma qualidade única de católico, **o não praticante**. Esse processo também determinou **o hibridismo** entre a cultura européia e as culturas africanas, marca ímpar da cultura brasileira.

Observe como séculos depois, o povo brasileiro se manifesta como católico, muitas vezes por identificar status maior nessa religião do que por freqüência e crença nos dogmas:

Dados sobre religiosidade do início do século XXI

Religião a que pertence

	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Espírita	47	4.6	4.6
Evangélico(a)	235	22.9	22.9
Católico(a) praticante	446	43.4	43.4
Católico(a) não praticante	210	20.4	20.4
Da religião dos Orixás	9	.9	.9
Não tem religião	54	5.2	5.2
Outra	26	2.6	2.6
NR	1	.1	.1
Total	1029	100.0	100,0

- A língua portuguesa.

Por mais que grande parte dos habitantes do Brasil ainda não falasse o idioma europeu no século XVIII, a sobreposição do português sobre os dialetos africanos e as línguas indígenas, indica estreita relação entre a dominação econômica portuguesa e a sobreposição cultural dos europeus. A partir da popularização do ensino público no século XX, os parâmetros educacionais não visavam uma democracia cultural no Brasil. Na verdade, poucas vezes a Educação e a cultura oficial brasileira criaram espaços para a valorização das culturas afro-brasileira ou indígenas, fator mais recorrente nos últimos dez anos, inclusive com deliberações jurídicas.

Porém, aqui vale também ressaltar que centenas de palavras de nossa língua são tributárias do universo lingüístico indígena e até afro-brasileira ou mesmo que as variações regionais do português são impressionantes. Não foi uma superposição sem limitações.

Contribuição indígena a língua portuguesa, marca do hibridismo

Quadros de significados			
Palavra em Português	Significado em Português	Palavra em Tupinambá	Significado em Tupinambá
Pixaim	Cabelo, crespo	<i>Apixa'im</i>	Crespo, enrugado
Socar	Bater, pilar	<i>Sók</i>	Pilar, bater com ponta
Cutucar	Tocar em outra pessoa para chamar-lhe atenção	<i>Kutúk</i>	Tocar com objeto pontiagudo, ferir
Pipoca	Grão de milho estourado	<i>Pípóka</i>	Pele estourada
Caatinga	Região árida no nordeste brasileiro	<i>Ka'átínga</i>	mato branco
Capim	mato	<i>Kapí'i</i>	Erva
Tocaia	Vigia, espreita	<i>Tokáia</i>	Cabana em que o caçador espreita a caça

Fonte: Museu da Língua Portuguesa

- O sincretismo cultural.

Em muitos países a unidade cultural é uma marca forte. No Brasil esse traço seria impossível. Através da resistência escrava e da necessidade em negociar algum grau de autonomia cultural para evitar fugas, suicídios, revoltas, ou seja, grandes prejuízos, os donos de escravos e os agentes portugueses da administração tiveram que tolerar e permitir algumas práticas da cultura africana e afro-brasileira. Esse foi um processo fantástico, na medida em que mostrou a humanização dos escravos e impôs à cultura brasileira um traço mais heterogêneo, apesar do racismo e dos limites sociais de acesso a oportunidades, secundarizarem grande parte dessas manifestações. Podemos destacar como marcas que atravessaram os séculos e a rejeição discriminatória de boa parte da sociedade brasileira, manifestações como a capoeira, a feijoada, o candomblé, o samba de raiz, o jongo, entre muitas outras.

Dois aspectos dessa imposição cultural afro-brasileira são ainda mais expressivos:

1º - Na esfera da religiosidade, o preconceito ainda é marcante. As religiões afrobrasileiras ainda não são valorizadas como manifestações legítimas e são vistas e tratadas com muita discriminação. Aliás, o reconhecimento das manifestações culturais afro-brasileiras por parte da sociedade depende muito da utilidade da mesma para as massas. O melhor exemplo está na musicalidade. Os mesmos ritmos que são demonizados nos terreiros, movimentam milhares de brasileiros nas festas regionais e no carnaval. O samba ganhou status, apesar das mesmas raízes históricas e sociais dos terreiros.

Desfile da Portela



Terreiro de candomblé



Olhares sociais distintos para a mesma raiz cultural

2º - Foi à cultura afro-brasileira e a cultura indígena que produziram a maior parte das grandes festas regionais do Brasil. Hoje, são produções múltiplas que fomentam o folclore nacional e associam inúmeras dimensões da cultura brasileira, ou seja, danças, músicas, culinária, literatura, entre tantas outras, em quase todas as regiões, produzindo uma aquarela cultural regionalizada que é vista como uma das maiores riquezas do país.

Festa de São João nordestina



Carimbó, ritmo indígena do Norte



Preservação de culturas periféricas no discurso europeu

- O racismo.

Esse traço social é um dos maiores problemas da história do Brasil. Apesar da evolução expressiva nas relações inter-raciais no país, da própria constituição de 1988 combater o racismo como crime inafiançável, ainda existe muita discriminação com a cultura negra e alguns índices sociais apresentam esse problema. Níveis de escolaridade e de renda per capita muito baixo, pouco acesso a moradia, pequeno fluxo nos círculos de poder e de mídia, tudo isso demonstra o quanto o problema racial se enraizou na organização da sociedade brasileira. Definitivamente a escravidão criou o racismo e a forma como ela foi abolida (Lei Áurea- 1888) não foi suficiente para inverter essa realidade. Muito pelo contrário, nos primórdios da república as manifestações culturais dos negros eram reprimidas e o Estado republicano não organizou nenhuma política de afirmação social para os ex escravos ou seus descendentes. Faltou emprego, acesso as escolas, saúde pública de qualidade, moradia digna e aceitação social.

Esse fator está na origem colonial. Com a desvalorização da condição social do escravo (mercadoria, propriedade e mão de obra) e a relação direta entre essa condição e a condição racial deles (negros), surgiu o racismo. O que era produção social dos negros era visto como inferior porque era uma produção cultural escravista.

Vejam os dados abaixo:

“Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que dos 22 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza extrema ou indigência, 70% são negros. Entre os 53 milhões de pobres do país, 63% são negros.”

“Segundo dados de 2001 sobre a população ocupada de 25 anos ou mais de idade, 41,1% das pessoas brancas que trabalhavam ocupavam empregos formais [empregados (as) com carteira assinada ou funcionários(as)]. No entanto, esse era o caso de apenas 33,1% dos afrodescendentes. Dos empregados sem carteira assinada, 12,3% são de empregados brancos, contra 17,3% de empregados afrodescendentes. Finalmente, notamos que os empregadores brancos totalizavam 7,1% enquanto os afrodescendentes, apenas, 2,8%.”

“Dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e da Justiça revelam que o rendimento médio dos homens brancos é de 6,3 salários mínimos, da mulher branca é de 3,6 SM, do homem negro é de 2,9 SM e da mulher negra 1,7 SM. Ou seja, as mulheres ganham em média metade do que ganham os homens, sendo que as mulheres negras ganham quatro vezes menos que os homens brancos. O emprego doméstico continua sendo a principal fonte de ocupação feminina, sendo que 56% dessa categoria são mulheres negras, no entanto, apenas 1/3 tem seus direitos trabalhistas assegurados.”

É fundamental não criar um discurso unilateral sobre questões raciais e atuar nessa conjuntura com políticas públicas mais amplas, mas não podemos fechar os olhos para as implicações do passado escravista e da inexistência de um planejamento político efetivo para combater os problemas raciais desde a lei áurea. Nesse campo cultural, a questão das cotas é a que tem mais evidência e ganha mais polêmica, mas que ainda está aquém de inverter o quadro apresentado pelos números acima. É preciso ir muito além para criar um país onde realmente a questão racial não é um critério de acesso ou de oportunidades.

- O Papel do IHGB e do Romantismo na construção da identidade nacional brasileira no século XIX

Após a independência, o Brasil passava a condição de nação, ao menos no sentido político. Apesar da construção do Estado nacional começar a se configurar com a constituição de 1824 e com o reconhecimento externo, o discurso nacional só começou a ganhar forma no 2º Reinado. Sob o comando de D. Pedro II, o Estado brasileiro passou a construir uma imagem oficial do Brasil através da valorização dos valores nacionais defendidos pelo romantismo e pela publicação da história do Brasil, produção do IHGB, Instituto histórico geográfico brasileiro, criado naquele momento.

O romantismo no Brasil criou uma cultura genuinamente brasileira. Como uma forma de publicidade do Brasil, os autores brasileiros procuravam expressar uma opinião, um gosto, uma cultura e um jeito autênticos, livres de traços europeus. A valorização da natureza e do índio de forma idealizada abriram caminho para a formação da consciência nacional brasileira, porém uma consciência mitificada e distante dos reais padrões sociais do país. A exaltação da natureza tornou-se a partir desse momento um mecanismo poderoso da mitificação do Brasil. A poesia **“Canção do Exílio”**, de Gonçalves dias, ecoou como um hino da identidade brasileira.

TRECHO DE CANÇÃO DO EXÍLIO

***“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.***

***Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores. “***

Daí em diante a construção do **“Brasil- paraíso”**, do **“gigante adormecido”**, do **“país do futuro”** se sustenta principalmente pelas belezas naturais do país. Muitos mitos se reproduziram no século XX a partir dessa exaltação da natureza brasileira. Entre os mais populares estão **“Amazônia, o pulmão do mundo”**, **“Rio, a cidade maravilhosa.”**, **“ Brasil, o país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”**. O problema dessa idealização do Brasil apenas pelas belezas naturais é ocultar as questões cotidianas do cenário político e econômico e criar um falso paradigma de desenvolvimento. **Natureza sem tecnologia não representa garantia de crescimento positivo para o país.**

O BRASIL IDEALIZADO



A REALIDADE



Marilena Chauí apresenta essa idealização da natureza como um grave problema para a consciência social do brasileiro:

“A bandeira brasileira não exprime a política nem a história. É um símbolo da natureza: floresta, ouro, céu, estrela e ordem. É o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso terrestre. O mesmo fenômeno pode ser observado no Hino Nacional, que canta mares mais verdes, céus mais azuis, bosques como as flores e nossa vida de ‘mais amores’. (...) O mito do país-paraíso nos persuade de que nossa identidade e grandeza se acham predeterminadas no plano natural: somos sensuais, alegres e não-violentos.”

(CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, 26/03/2000.)

Sem dúvida o maior legado do Romantismo para a formação da identidade brasileira foi a mitificação da natureza, mas o movimento também criou a idéia do índio como herói nacional. A imagem do índio através do romance de José de Alencar como personagem nobre, valoroso e fiel personifica a imagem do brasileiro que o movimento idealiza e busca romper com as imagens do passado colonial, as imagens que retratam o índio como selvagem. Dentro dessa perspectiva, a obra da Igreja não pode ser critica como um desrespeito a diferença cultural e sim como regeneradora, uma visão utópica e irreal do passado brasileiro. O índio romântico é uma absurda invenção literária, sem reconhecimento na história.

Já o IHGB forjou a primeira história do Brasil. Nela os conflitos raciais e as desigualdades não apareciam e a idealização das belezas naturais fundiu-se a promessa do país de todas as raças. Fica difícil de interpretar qual das visões é mais irreal, a do Brasil excelente por natureza ou do Brasil, o país da democracia racial.

“A História do Brasil, a ser escrita pelos membros do IHGB, deveria ressaltar os valores ligados à unidade nacional e à centralização política, colocando a jovem nação brasileira como herdeira e continuadora da tarefa civilizadora portuguesa. A nação, cujo passado o IHGB iria construir, deveria surgir como fruto de uma civilização branca e europeia nos trópicos.”

O IHGB não só forjou a identidade nacional, ele sustentou a centralização política da monarquia como uma necessidade para a unidade brasileira.

- MITOS DO BRASIL REPÚBLICA

Em momentos diferentes do século XX, o Estado republicano acelerou o discurso de formação da identidade brasileira. Alienar a população, evitar movimentos sociais de contestação a ordem política, ocultar problemas econômicos, projetar necessidades imediatas de transformações para o futuro. Em cada conjuntura o discurso político serviu para uma finalidade diferente da elite brasileira.

Temos uma sequência de mitos públicos:

- Com Getúlio Vargas consolidou-se o mito do **povo trabalhador** e a **integração nacional** começou a ser feita pelo rádio. Só havia dignidade no governo de Getúlio para quem ajudasse o crescimento do país com o suor do trabalho. A criação da carteira de trabalho e a inserção de Vargas como o primeiro trabalhador do Brasil personificava com perfeição o mito.



Reprodução da primeira Carteira Profissional emitida no Brasil, em nome de Getúlio Vargas. (O Globo, 22/06/2004)

Getúlio fez da cultura e do rádio o maior veículo de propagação da identificação entre o povo, o Estado, o território e a cultura. Era um momento de modernização do processo de criação de identidade nacional.

- Na Ditadura Militar, o potencial de desenvolvimento estava nas **“forças naturais”** do país e na importância do ideal de **“ordem e progresso”**. A partir do paradigma **“NINGUÉM SEGURA ESSE PAÍS”** o povo brasileiro era portador da capacidade criativa de fazer o país crescer e era colaborador direto do governo por ser **cordial, manso e trabalhador**. A ditadura construiu um **“ufanismo autoritário”**. A valorização do futebol como símbolo de unidade também ganhou força nos anos 70. O Brasil era a **“pátria de chuteiras.”** e a seleção brasileira na copa de 70, o maior expoente da publicidade política sobre a força do Brasil.

“Noventa milhões em ação // Pra frente Brasil // Salve a Seleção // Todos juntos vamos // Pra frente Brasil // Salve a Seleção // De repente é aquela corrente pra frente // Todos num só coração”.

E essa valorização não parou mais. Nos anos 80 e 90 o esporte era o maior agregador dos mitos brasileiros. Ayrton Senna da Silva personificou a força do povo brasileiro, *“aquele que sofre, mas não desiste”, “que conquista grandes vitórias apesar da dificuldade”*.

O ESPORTE NA CONSTRUÇÃO DOS MITOS NACIONAIS



Esse quadro político precisa ser compreendido de forma crítica. Através de todos esses discursos, as imagens da identidade brasileira legitimam um país maravilhoso e uma população que tudo suporta, visões que em nada colaboram para a formação da cidadania e da democracia plena.

4- CULTURA BRASILEIRA: MITOS FORJADOS X REALIDADE SOCIAL

Esse é o ponto mais importante dessa unidade. Através dessa comparação notaremos o quanto cada idealização encobre um grave problema do país e mais, inibe a atuação transformadora da população, até por evitar a sua percepção da realidade nacional.

Os principais mitos forjados acerca da identidade nacional brasileira são as seguintes:

Brasil, o país do futuro



Brasil, o paraíso tropical



BRASIL, O PAÍS DA DEMOCRACIA RACIAL.



BRASIL, A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



O POVO MANSO E CORDIAL



Para cada discurso ufanista, um retrato real da sociedade brasileira é esquecido. Acima as imagens e dados satirizam e questionam essas afirmações idealista da sociedade brasileira. Em alguns dos discursos nacionais existe pertinência, mas ela não expressa uma contribuição positiva para a formação crítica da mentalidade da população.

Vamos aos questionamentos:

- De que adianta o Brasil tropical, de belezas naturais, se não há desenvolvimento sustentável? E mais, natureza sem tecnologia e investimentos sociais só gera dependência externa.

- Onde está nossa democracia racial? Os índices de inclusão social dos negros é muito menor do que os brancos; As políticas de inclusão racial são sempre criticadas; A produção cultural afro-brasileira nem sempre é valorizada.

- O desemprego, a corrupção política, os péssimos serviços públicos. A atuação do Estado parece ser desnecessária quando se exalta a força de transformação, quase divina, do povo brasileiro. **“Cada povo tem o governo que merece”** é um dos produtos dessa inversão de responsabilidades sociais. Na verdade, cada povo tem o governo que consegue eleger e muitas vezes, elege de acordo com suas necessidades mais primárias, baseando-se em promessas sem fundamentação. **Onde o Estado não atua, o assistencialismo barato se impõe.**

- Não existe cordialidade na nossa história. O genocídio indígena feito na colonização, a escravidão afro-brasileira e seus martírios, a Guerra do Paraguai, o massacre de Canudos, as perseguições militares, a censura das ditaduras. Não faltam momentos na história do Brasil onde o conflito social esteve presente.

5- O PAPEL SOCIAL DAS FESTAS NACIONAIS

“Eu queria que essa maravilha fosse eterna, quem sabe um dia a paz vence a guerra e viver seja só festejar,”



Se a identidade nacional é um processo forjado, as festas nacionais exercem um papel impressionante. Distraem, alienam, ocultam, promovem a idéia de que tudo vale a pena no Brasil. Algumas dessas festas nacionais reproduzem os principais mitos da identidade brasileira:

- O calendário de feriados transmite a sensação do Brasil dos católicos. Somente suas festas religiosas ganham espaço no calendário civil; As demais festas religiosas são desconsideradas, como se fossemos uma fiel reprodução da cultura portuguesa.

- As variações regionais reforçam a democracia cultural brasileira. Porém uma coisa é a existência de uma pluralidade de manifestações, resultado das várias contribuições étnicas na formação do país, outra é afirmar que todas as nossas raízes tem o mesmo valor. O espaço de cada manifestação na sociedade brasileira depende do setor social que a produz.

- As festas públicas e coletivas como o carnaval forjam a sensação de que existe uma perfeita harmonia inter-racial e de que estamos em constante estado de alegria. O Brasil é uma eterna festa. O que ocorre é que as festas transformam-se em uma das pequenas válvulas de escape da sociedade perante seus problemas. A própria cobertura da mídia reproduz essa busca idílica pelo povo feliz e festivo. Onde estão as críticas aos problemas políticos do país?

Não se poder deixar de acreditar nas melhorias da sociedade brasileira, mas combater esses mitos persuasivos é dever da ação cívica para criar uma sociedade verdadeiramente crítica e capaz de se auto representar sem otimismo absurdos e fotografias imaginárias. Somos um país com potencial, riqueza cultural, mas portador de muitos problemas produzidos ao longo da história. O ufanismo pela pátria em nada contribui para a inversão desse quadro. É preciso atuar como cidadãos ativos pela eliminação, ou mesmo, pela redução dos preconceitos e limitações socioeconômicas que evitam a realização da democracia plena, inclusive da alteridade na produção cultural. É preciso usar nossa memória social para não repetir os mesmos absurdos registrados na nossa história.

6- EXERCÍCIOS

QUESTÕES OBJETIVAS

Questão 01

“O debate acerca do mundo e da vida neste fim de século organiza-se (...) em torno de pensadores, quase sempre de classe média e universitários, que são uma pequena minoria. Esta minoria enxerga de preferência os elementos que a preocupam mais. Assim, ao ouvi-la, teríamos a impressão de que os debates acerca de coisas como o feminismo(...), ecologismo(...), multiculturalismo(...), descriminalização e desmedicação do homossexualismo e do uso de drogas– em suma, a partir de posições que nos Estados Unidos são conhecidas como ‘politicamente corretas’ – configurariam as discussões mais importantes, mais vitais e urgentes do mundo atual.”

(CARDOSO, *Ciro F. In: REIS FILHO, D. e outros (org.). O século XX: o tempo das dúvidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.*)

A posição do autor sobre as discussões tidas como as mais urgentes do mundo atual está melhor traduzida na seguinte alternativa:

- (A) As temáticas mais importantes da virada do século são definidas pelas elites econômicas.
- (B) Os temas que mais preocupam as camadas de baixa renda são priorizados pelos intelectuais da classe média.
- (C) As discussões das classes médias refletem as preocupações das camadas sociais desprivilegiadas.
- (D) Os debates sobre temas do mundo contemporâneo são polarizados por grupo socioculturais específicos.

Questão 02

“O fascismo, como o nacionalismo, perseguia a conexão do passado com o presente, oferecendo aos indivíduos a oportunidade de se empenharem num projeto comum para o futuro de sua nação, uma entidade a que eles pertenciam e que os transcendia. Integrando o proletariado à comunidade nacional, o fascismo consegue apagar a identificação, efetuada pela democracia, da nação com a burguesia. (...) A nação, como entidade complexa, baseada na ligação com um território determinado, passado histórico, valores e culturas comuns, mostrava uma vez mais a força da consciência comum de seus habitantes e sua vontade de decidir o destino político comum. A nação revela-se o foco primordial da lealdade.”

(GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.)

Tomando como ponto de referência o texto, uma das características do nacionalismo de tipo fascista pode ser identificada na seguinte alternativa:

- (A) proposição de uma idéia de nação acima dos interesses de classe
- (B) propaganda de símbolos da nação identificados com os valores de classe
- (C) organização do proletariado em uma comunidade única vinculada à nação
- (D) constituição de uma consciência antinacional oposta à idéia de uma cultura comum

Questão 03



Nestas imagens de 1921, o caricaturista compara os hábitos da elite carioca de “outrora” com os predominantes em sua época. As duas colunas representam reuniões sociais: na primeira ressaltam-se as danças de origem européia, como a polca e a valsa e, na segunda, os pares dançam o maxixe, estilo mais popular derivado das danças dos escravos.

Essa absorção de costumes populares pode ser associada ao seguinte fator:

- (A) síntese cultural num país de tradição européia
- (B) segregação de classes sociais numa metrópole nacional
- (C) influência estrangeira num contexto de urbanização acelerada
- (D) abolição da escravidão numa sociedade predominantemente rural

Com base nas afirmativas abaixo, responda às questões de números 04 e 05

**“A África é aqui. E a Europa também.
Da Lagoa a Acari, abismo de um século.”**

QUESTÃO 04

As diferenças internas da metrópole carioca estão apoiadas principalmente na disparidade encontrada em:

- (A) indicadores sociais
- (B) relações de trabalho
- (C) composições étnicas
- (D) organizações políticas

QUESTÃO 05

A comparação entre as duas afirmativas permite concluir que se procurou estabelecer, predominantemente, uma relação entre:

- (A) crescimento urbano e aspectos naturais
- (B) nível cultural e características administrativas
- (C) desenvolvimento econômico e tempo histórico
- (D) localização geográfica e concentração populacional

Leia o texto a seguir para responder às questões de números 06 e 07

**“Aprendemos que somos ‘um dom de Deus e da Natureza’ porque nossa terra desconhece catástrofes naturais (...) e que aqui, ‘em se plantando, tudo dá’.
(...) Aprendemos também que nossa história foi escrita sem derramamento de sangue,
(...) que a grandeza do território foi um feito de bravura heróica do Bandeirante, da nobreza de caráter moral do Pacificador, Caxias, e da agudeza fina do Barão do Rio Branco; e que, forçados pelos inimigos a entrar em guerras, jamais passamos por derrotas militares. (...) Não tememos a guerra, mas desejamos a paz. (...) somos um povo bom, pacífico e ordeiro, convencidos de que ‘não existe pecado abaixo do Equador’. (...) Em suma, essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o apartheid social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna.**

(Adaptado de CHAUI, Marilena. Brasil-mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.)

QUESTÃO 06

A reflexão da autora aponta ao mesmo tempo uma representação do Brasil e uma crítica da realidade brasileira, que podem ser traduzidas, respectivamente, por:

- (A) visão ufanista – reconhecimento das desigualdades
- (B) desrespeito ao país – exaltação da miséria coletiva
- (C) ênfase nacionalista – percepção do atraso tecnológico
- (D) fragilidade da nação – aclamação dos problemas nacionais

QUESTÃO 07

“aqui, em se plantando, tudo dá”

A construção do mito de satisfação das necessidades alimentares, evidenciada neste fragmento do texto, contradiz a seguinte afirmativa:

- (A) As terras férteis resultam da ação de agrotóxicos.
- (B) Os melhores solos destinam-se aos cultivos para exportação.
- (C) Os avanços tecnológicos direcionam-se às propriedades improdutivas.
- (D) Os diversos tipos climáticos dificultam a variedade de cultivos agrícolas.

QUESTÃO 08

Na Copa do Mundo de 1958, o povo cantou a vitória brasileira com:
“A taça do mundo é nossa!
Com brasileiro, não há quem possa!
Eeeta, esquadrão de ouro
(...), é bom no samba, é bom no couro (...)”

Em 1970, cantou-se:
“Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil, do meu coração
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil, salve a seleção
De repente é aquela corrente pra frente (...)”

Essas duas formas de celebrar a vitória brasileira estão relacionadas, em 1958 e em 1970, respectivamente, aos contextos de:

- (A) alienação frente aos valores nacionais – investimentos do governo no setor esportivo
- (B) ênfase na capacidade criativa do brasileiro – tentativa de legitimação do governo militar
- (C) reconhecimento do subdesenvolvimento nacional – exaltação à arrancada para o desenvolvimento
- (D) mobilização após a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial – campanha popular pela superação da pobreza

Questão 09



(*Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.)

A charge de Ziraldo relaciona o autoritarismo ao nacionalismo característico dos governos militares brasileiros, porque faz a seguinte denúncia:

- (A) a palavra de ordem seguia uma diretriz de patriotismo obrigatório
- (B) o nacionalismo militarista supunha a negação da exploração capitalista
- (C) o abandono do país significava a manutenção de fé no futuro da nação
- (D) o autoritarismo tinha um respaldo inegável dos diversos segmentos sociais

Questão 10

GERAÇÃO COCA-COLA

Quando nascemos fomos programados A receber o que vocês nos empurraram Com os enlatados dos USA, de 9 às 6. Desde pequenos nós comemos lixo Comercial e industrial Mas agora chegou nossa vez Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês. Somos os filhos da revolução Somos burgueses sem religião Somos o futuro da nação Geração Coca-Cola.	Depois de vinte anos na escola Não é difícil aprender Todas as manhas do jogo sujo Não é assim que tem que ser? Vamos fazer nosso dever de casa E aí então, vocês vão ver Suas crianças derrubando reis Fazer comédia no cinema com as suas leis.
---	--

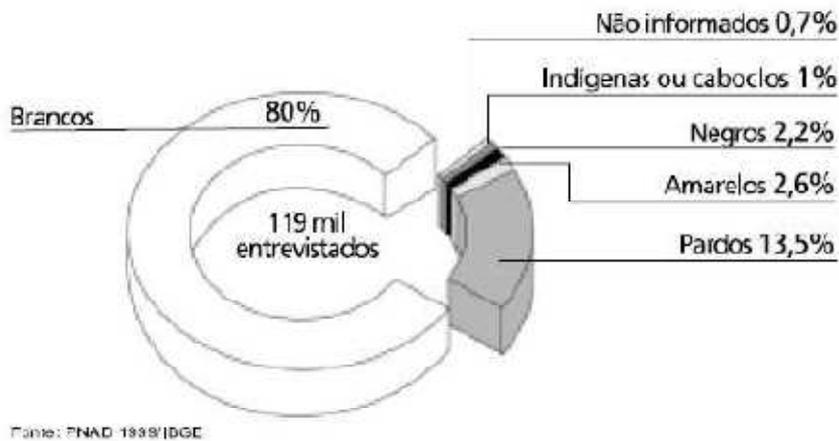
(Renato Russo)

O título e a letra da canção expressam a insatisfação e a visão crítica de parte da juventude brasileira da década de 1980, em relação a padrões de comportamento dominantes na sociedade. Dois problemas característicos da juventude dessa década, que estão identificados na letra e que melhor justificam o rótulo “geração coca-cola”, são:

- (A) decadência moral – rígido controle social
- (B) pobreza econômica – limitações culturais
- (C) alienação cultural – insatisfação política
- (D) nacionalismo musical – falta de acesso à escola

Questão 11

COMPOSIÇÃO ÉTNICA DOS ESTUDANTES NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS



(Adaptado de U GILO, 26/08/2001)

O gráfico, elaborado a partir de dados do IBGE, apresenta um quadro de desigualdades étnicas no âmbito educacional. Para enfrentar essas desigualdades, historicamente constituídas, intensificaram-se, na última década, as chamadas políticas afirmativas.

Tais políticas têm origem na necessidade de:

- (A) reduzir a diversidade cultural
- (B) minorar a segregação espacial
- (C) redimensionar a inserção social
- (D) desacelerar a expansão demográfica

Questão 12



(Adaptado de ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de e RIGOLIN, Tércio Barboza. *Fronteiras da globalização*. São Paulo: Ática, 2004.)

A escolha do título do mapa se justifica por expressar a diferença entre

- (A) composição étnica e identidade cultural
- (B) afinidade ideológica e fragmentação social
- (C) estrutura institucional e complexidade social
- (D) sistema de governo e configuração territorial

Questão 13

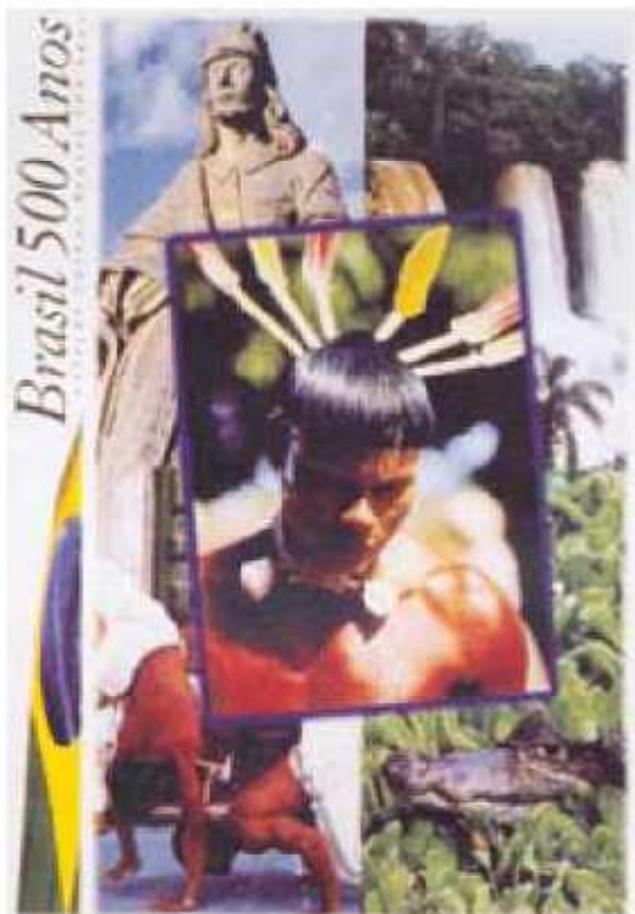


A charge de Henfil acima faz referência à influência dos meios de comunicação, especialmente da televisão, na construção de uma identidade nacional.

A interação entre realidades regionais e a chamada “mídia de massa”, na sociedade brasileira atual, tem como principal consequência:

- (A) resgate da história local
- (B) difusão de modelos culturais
- (C) crescimento da integração regional
- (D) fortalecimento da diversidade social

Questão 14



Capa de caderno escolar, 2000.
In: GOMES, Ângela et al. *A República no Brasil*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

O ato de comemorar é uma forma de reiterar lembranças e evitar esquecimentos. As comemorações dos 500 anos de história do Brasil não fugiram a essa intenção. Em produtos variados, como a capa do caderno acima reproduzida, procurou-se enaltecer o que era característico e particular da nação.

Um dos valores da identidade nacional brasileira representado na imagem está diretamente associado à:

- (A) riqueza mineral
- (B) unidade religiosa
- (C) extensão do território
- (D) miscigenação do povo

Questão 15

Este país está à venda



O príncipe Michael Bates anunciou que quer vender seu país, Sealand. Trata-se de uma antiga plataforma militar, construída pela Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial e abandonada após o conflito. Em 1967, o ex-major inglês Roy Bates, sua mulher e seu filho Michael desembarcaram no local, proclamaram a independência, instauraram um reinado, criaram uma constituição, um hino e uma bandeira. Eles são sustentados por pessoas que compram títulos para virar cidadãos de Sealand, mas preferem continuar vivendo em seu país de origem. Sealand emite selos, passaportes e cunha moedas, entre outras características de um Estado independente. Adaptado de *Época*, 15/01/2007

Até o momento nenhum país reconhece a existência de Sealand. A família Bates, no entanto, argumenta que Sealand possui os três principais elementos constitutivos do Estado-Nação Moderno.

Estes três elementos são:

- (A) povo – governo – território
- (B) moeda – hino – fronteira
- (C) constituição – etnia – história
- (D) cidadão – legislação – bandeira

Questão 16

Os belgas não se entendem entre si e já se teriam separado em países diferentes não fossem o seu rei e, mais recentemente, a adoção de uma forma de governo federativa, em que a Valônia, Flandres e Bruxelas têm grande autonomia política e administrativa em relação ao governo nacional, além do surgimento e fortalecimento da União Européia, que faz com que os belgas se sintam cada vez mais membros de uma comunidade européia multicultural e multilíngüe, e menos belgas, o que ajuda a diluir seus antagonismos internos.

RICARDO C. COELHO

Adaptado de *Os franceses*. São Paulo: Contexto, 2007.



<http://lvb.net>

A compreensão da situação relatada no texto e representada em termos espaciais no mapa somente é possível a partir da distinção entre os seguintes conceitos importantes para as Ciências Humanas:

- (A) território nacional e soberania política
- (B) regime de governo e autonomia cultural
- (C) estado territorial e identidade nacional
- (D) representação política e integração econômica

Questão 17

Observe as letras de música abaixo e atente para o comentário subsequente:

<p>“Cidade Maravilhosa cheia de cantos mil Cidade Maravilhosa coração do meu Brasil Cidade Maravilhosa cheia de cantos mil Cidade Maravilhosa coração do meu Brasil</p> <p>Berço do samba e das lindas canções que vivem na alma da gente és o altar dos nossos corações que cantam alegremente</p> <p>Jardim florido de amor e saudade terra que a todos seduz que Deus te cubra de felicidade ninho de sonho e de luz</p> <p>Cidade Maravilhosa cheia de cantos mil Cidade Maravilhosa coração do meu Brasil Cidade Maravilhosa cheia de cantos mil Cidade Maravilhosa coração do meu Brasil”</p>	<p>“A história de <i>Cidade partida</i> - publicado exatamente um ano após a tragédia de Vigário Geral (noite de 28 para 29/8/93) - começa 40 anos antes do dia em que homens fortemente armados invadiram a favela para descontar em quem encontrassem pela frente. uma rixa envolvendo drogas.</p> <p>Zuenir parte da década de 50 para mostrar que, já nos anos dourados, havia ingredientes para uma futura cisão social no Rio. Esta primeira parte ela chama de <i>A idade da inocência</i>. Mas é a partir da página 53 que o livro embala. Até o escritor e amigo Rubem Fonseca, ao fazer uma primeira avaliação da obra, comentou: “A segunda parte é tão boa que você pode jogar a primeira fora.” O autor resolveu dar ao segundo conjunto de capítulos o título de <i>O tempo dos bárbaros</i> - o termo que permite, ao final da leitura, várias interpretações: favelados excluídos, favelados violentos, cidadãos que excluem os favelados, cidadãos que desejam a morte violenta dos mesmos favelados etc.”</p>
---	---

A aplicação do termo “**cidade partida**”, do escritor Zuenir Ventura, à realidade social do Rio de Janeiro é uma contraposição ao idealismo do mito implícito em uma outra conhecida expressão: a “**cidade maravilhosa**”.

Na própria construção da identidade nacional brasileira essa contraposição, respectivamente, produz:

- A) Ufanismo – Indignação coletiva
- B) Patriotismo – Alienação cultural.
- C) Denúncias críticas – Passividade social.
- D) Preconceito com os moradores das favelas – Senso político nas massas urbanas

Gabarito das questões objetivas

- 1- D
- 2- A
- 3- A
- 4- A
- 5- C
- 6- A
- 7- B
- 8- B
- 9- A
- 10- C
- 11- C
- 12- A
- 13- B
- 14- D
- 15- A
- 16- C
- 17- C

QUESTÕES DISCURSIVAS

Questão 01

“A bandeira brasileira não exprime a política nem a história. É um símbolo da natureza: floresta, ouro, céu, estrela e ordem. É o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso terrestre. O mesmo fenômeno pode ser observado no Hino Nacional, que canta mares mais verdes, céus mais azuis, bosques como as flores e nossa vida de ‘mais amores’. (...) O mito do país-paraíso nos persuade de que nossa identidade e grandeza se acham predeterminadas no plano natural: somos sensuais, alegres e não-violentos.”
(CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, 26/03/2000.)

(A) Explique porque essas representações são fundamentais para a manutenção da ordem política e social de uma nação.

(B) Indique três aspectos da realidade sócio-econômica brasileira que desconstrua essas imagens idealizadas.

Questão 02

“cinco grupos etnográficos, ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões dispersas, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular – eis em suma ao que se reduziu a obra de três séculos.”

(ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 – original de 1907.)

“É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos, lingüística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. Não abrigam nenhum contingente reivindicativo de autonomia, nem se apegam a nenhum passado. Estamos abertos é para o futuro.”

(RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.)

Comparando os dois textos, fica notório que são interpretações completamente antagônicas acerca da identidade nacional brasileira.

(A) Explique as divergências entre os textos.

(B) Pensando a cultura brasileira, qual dos dois textos é mais compatível? Justifique sua resposta.

Questão 03



(SCHWARCZ, Lilia M. *As barbas do imperador*. São Paulo: Companhia de Letras, 1998.)

O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pêra, o damasco e a nêspera?

(ALENCAR, José de. *Prefácio a Sonhos d'ouro*, 1872.)

A questão colocada pelo autor aponta para a necessidade da construção de uma identidade própria para o Brasil em oposição a tudo aquilo que tinha origem em Portugal. Era preciso, ao longo do Segundo Reinado (1831-1889), criar o sentido de Brasil, através da história e da literatura, como se vê na gravura em que Pedro II é coroado por um indígena representando o Império do Brasil.

A) Aponte duas ações realizadas pelo poder central, neste período, que contribuíram para a construção da nacionalidade brasileira.

B) Explique como, no Brasil, o Romantismo foi um instrumento que contribuiu para a consolidação do projeto de construção de uma identidade nacional.

Questão 04

“Se de meus ensinamentos colherdes algum fruto, descansarei satisfeito de haver cumprido a minha missão.

Entre esses ensinamentos, avulta o do patriotismo. Quero que consagreis sempre ilimitado amor à região onde nascestes, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa inteligência, os primores do vosso sentimento, o mais fecundo da vossa atividade, - dispostos a quaisquer sacrifícios por ela, inclusive o da vida. (...)

Que a vossa geração exceda a minha e as precedentes, senão em semelhante amor, ao menos nas ocasiões de o comprovar. Quando disserdes: “Somos brasileiros!” levantai a cabeça, transbordantes de nobre ufania. Convençeis-vos de que deveis agradecer quotidianamente a Deus o haver. Ele vos outorgado por berço o Brasil.”

(CELSO, Affonso (1900). Porque me ufano do meu País. Rio de Janeiro: Briguiet, 1943.)

“Um chefe, um povo, uma nação: um Estado nacional e popular, isto é, um Estado em que o povo reconhece o seu Estado, um Estado em que a Nação identifica o instrumento da sua unidade e da sua soberania. Ai está o Novo Estado Brasileiro. Um Estado que é isto não é uma simples mecânica de poder. É também uma alma ou um espírito, uma atmosfera, uma ambiência, um clima. (...)

(...) somos todos fundadores [da Nação]. Fundar é dedicar o pensamento, a vontade e o coração (...)

Não haveria pátria, família, igreja, se não renovasse, pelo pensamento ou pelo espírito, o ato de sua fundação “(...).

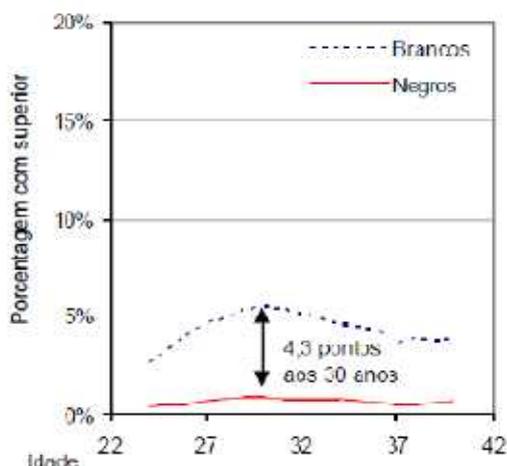
(Francisco Campos – Discurso proferido em 10 de maio de 1938.)

A partir dos textos de Affonso Celso – no período de consolidação da República oligárquica – e de Francisco de Campos – produzido durante o Estado Novo, diferencie os conceitos de “nação brasileira” de cada um dos autores.

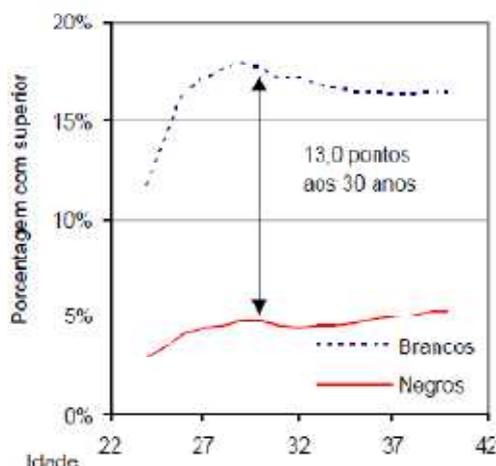
Questão 05

Gráfico 3: Taxas de Acesso à Formação Superior Branca e Negra no Brasil em 1976 e 2006

Panel 1 – 1976



Panel 2 – 2006



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios em Microdados.

Os dados apresentados na tabela podem ser usados para justificar a política de cotas raciais para inserção dos negros e pardos nas universidades. Em 30 anos essa ascensão sócio-educacional foi irrisória, denunciando a inexistência da mítica democracia racial brasileira.

A) A partir desse contexto, apresente três argumentos sólidos contra a aplicação da política de cotas no Brasil.

B) A partir do ponto de vista favorável a política de cotas, explique porque ela pode ser vista como um mecanismo de inclusão sócio-racial em um país como o Brasil.

Gabarito das questões discursivas

1-

A) A resposta deve mencionar que o discurso de identidade cultural busca criar uma relação de identificação entre a população e a pátria, criando um comportamento passivo e acrítico, ou seja, promovendo a alienação através do ufanismo patriótico.

B) Deve ser mencionado qualquer problema que exista na sociedade brasileira, entre elas a corrupção, o desemprego, a concentração de terra, a violência social, entres muitas outras.

2-

A) No 1º texto a formação cultural brasileira é retratada como diversificada, apesar de também retratar de forma idealizada. Mas o 2º texto é completamente ufanista, buscando exaltar a idéia de plena harmonia nas intercessões raciais e culturais na formação da cultura brasileira.

B) O 1º texto. Ele enfatiza que existem diferenças culturais na sociedade brasileira desde a formação colonial. O 2º texto produz uma visão ufanista da miscigenação racial e cultural brasileira.

3-

A) Duas dentre as ações:

- criação do Arquivo Público
- fundação do Imperial Colégio de Pedro II
- criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- composição das primeiras obras sobre História do Brasil para uso em escolas
- concessão de bolsas de estudo no estrangeiro a artistas identificados com esse projeto

B) O Romantismo, ao valorizar a natureza tropical e os indígenas, contribuiu para o projeto político de dotar o Brasil de uma feição própria, rompendo os laços culturais do Império com a antiga metrópole portuguesa.

4- No primeiro texto, observa-se a concepção de nação romântica, onde esta é anunciada como produto do patriotismo ufanista e do amor de cada brasileiro ao território onde nasceu.

No segundo, de perfil autoritário, a nação é produto do Estado e é concebida como o todo que relega o indivíduo a um segundo plano, cujo compromisso com a nação deve ser total, incluindo o pensamento e o espírito.

5-

- A) Entre os argumentos contrários podem ser citados a existência de investimentos prioritários nos setores básicos da educação, a necessidade da multiplicação das unidades universitárias e do número de vagas, o risco de criar guetos raciais na sociedade brasileira, a inexistência de políticas públicas em outros setores da sociedade, independente da condição racial dos grupos imersos na pobreza, entre outros.
- B) Em um país onde nunca existiram políticas de inclusão racial, a proposta das cotas se apresenta como uma realidade concreta de possibilidade de ascensão social, econômica e cultural; Também pode ser usado o argumento de que os dados acerca das diferenças de acesso e oportunidades de acordo com a condição racial torna a exclusão racial um assunto incontestável, mesmo que haja divergência no que se refere as soluções para o problema.